

**A concepção das paisagens e  
dos espaços na Arqueologia  
da Península Ibérica**

actas do IV congresso  
de arqueologia peninsular

Promontoria Monográfica 08

# **A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica**

**Actas do IV Congresso de  
Arqueologia Peninsular**

(Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004)

EDITORES CIENTÍFICOS

*Susana Oliveira Jorge*

*Ana M. S. Bettencourt*

*Isabel Figueiral*

Centro de Estudos de Património  
Departamento de História, Arqueologia e Património  
(Universidade do Algarve)



Universidade do Algarve  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
Departamento de História, Arqueologia e Património  
Centro de Estudos de Património

## Promontoria Monográfica 08

### EDITOR

Centro de Estudos de Património  
Departamento de História, Arqueologia e Património  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade do Algarve  
Campus de Gambelas  
8000-117 Faro  
promontoria@ualg.pt

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Nuno Ferreira Bicho  
António Faustino Carvalho

### EXECUÇÃO GRÁFICA

Candeias Artes Gráficas  
Rua Conselheiro Lobato, 179  
4705-089 Braga  
geral@candeiasag.com  
www.candeiasag.com

### TIRAGEM

500 exemplares

### ISBN

978-972-99693-9-3

### DEPÓSITO LEGAL

264140/07

Setembro 2007

### APOIOS



FUNDAÇÃO  
BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS



Fundação Calouste Gulbenkian

Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Portugal

### ADECAP

Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

Faculdade de Engenharia e Recursos Naturais, Universidade do Algarve

Staples – Office Center

Governo Civil do Distrito de Faro

# A construção de um sítio arqueológico: Castelo Velho de Freixo de Numão

Susana Oliveira Jorge<sup>1</sup>, Lídia Baptista<sup>2</sup>,  
Sérgio Gomes<sup>3</sup>, Maria de Lurdes Oliveira<sup>4</sup>,  
José Manuel Varela<sup>5</sup>, Gonçalo Velho<sup>6</sup>

<sup>1</sup> DCTP, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, FLUP.  
susanaojorge@yahoo.com.br

<sup>2</sup> lidiabap@sapo.pt

<sup>3</sup> sergioalexandregomes@gmail.com

<sup>4</sup> mdelurdesoliveira@gmail.com

<sup>5</sup> Arqueólogo da Câmara Municipal de Matosinhos.  
jmpvarela@hotmail.com

<sup>6</sup> Departamento de Gestão de Território, Instituto Politécnico de Tomar  
gonvelho@pt.ipt.pt

## RESUMO

Neste texto são passados em revista os principais passos do processo interpretativo da funcionalidade do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão, ao longo de quinze anos de investigação (1989-2004).

## PALAVRAS-CHAVE

Castelo Velho; processo interpretativo; quinze anos de pesquisa

## ABSTRACT

In this paper the authors expose the main steps of the interpretative process of the site of Castelo Velho de Freixo de Numão throughout fifteen years of research (1989-2004).

## KEY-WORDS

Castelo Velho; interpretative process; fifteen years of research

De 1989 a 1993 (Jorge, S. O., 1993) o sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão é considerado um povoado fortificado do 3.º/2.º milénio B.C., no interior dum corpo teórico processual, onde imperam conceitos como "intensificação", "hierarquização" e "complexidade". No texto de 93 surge, no entanto, uma ideia inovadora que não é suficientemente enfatizada: Castelo Velho seria uma fortificação monumental que usaria simbolicamente tal monumentalidade para legitimar os seus propósitos de uso defensivo. Contudo, em 1993, prepondera a ideia de "fortificação": não se opera qualquer crítica sobre as reais possibilidades de defesa dum pequeno recinto, vulnerável de muitos pontos de vista, no quadro social de grupos debilmente hierarquizados. Para além disso, em 1993, impera o paradigma estratigráfico em todo o seu esplendor: as camadas articulam-se com fases de ocupação/construção. Esta visão decorria dum real optimismo

sobre as possibilidades de se narrar a vida (quase dia-a-dia) do sítio com base na correlação de estruturas arqueológicas com camadas estratigráficas.

Em 1994 (Jorge, S. O., 1994), poucos meses após o artigo de 93, e independentemente de novas escavações arqueológicas, é publicado um texto que estabelece uma *ruptura* não só com a interpretação deste sítio particular, mas com a visão tradicional de lugares aparentemente similares da Península Ibérica. Ao se desvalorizar a defesa como principal motivação para a construção e manutenção deste sítio, e ao designar-se Castelo Velho como um "lugar monumentalizado", independentemente das acções ocorridas no seu interior, opera-se uma deslocação de perspectiva que se aproxima de procedimentos hermeneúticos comuns à antropologia do espaço. O sítio de Castelo Velho passa a ser visto como um dispositivo ao serviço da identidade comunitária

em grupos debilmente hierarquizados. Nesta visão de ampla escala tenta-se articular “arquitectura” e “espaço”, e com estes dois elementos forjar sentidos de percepção e representação do meio, no qual o lugar se foi construindo ao longo de muitas centenas de anos. Esta interpretação resulta de leituras cruzadas sobre sítios europeus contemporâneos e da análise de 69 “fortificações” peninsulares do 3.º milénio B. C., cuja variabilidade obriga a uma negação da pretendida unidade funcional destes sítios e a uma fragmentação da concepção de “fortificação calcolítica”.

Todavia, em 1994, permanece intacto o paradigma estratigráfico.

Sobre a nova interpretação de 1994 desce um pesado silêncio na comunidade arqueológica ibérica. Apenas, em 1996, A. Whittle (sem aparentemente conhecer o texto de 94), num livro de síntese sobre a Pré-história europeia, crítica frontalmente o carácter pretendidamente “militar” de sítios como Los Millares ou Vila Nova de S. Pedro. Diga-se que sobre o livro de Whittle (Whittle, A., 1996) no que respeita, a esta posição tão radicalmente oposta ao paradigma tradicional, também se abate um curioso silêncio. Não se levanta um só fórum de debate sobre a desconstrução deste mito da Pré-história ibérica.

Durante a primeira metade da década de 90 do séc. XX foram concebidas e/ou apresentadas na FLUP, sob a orientação de um de nós (S. O. Jorge), várias teses de mestrado que incidiram fundamentalmente sobre o estudo de materiais provenientes do sítio de Castelo Velho (Cruz, M. D. G., 1993; Botelho, I. T., 1996; Silva, C. M. C., 1996; Muralha, J., 1996; Pereira, L. 1999; Varela, J. M., 2000). Sendo trabalhos dirigidos para a análise de materiais, não espelham minimamente a nova leitura do sítio publicada em 1994.

De 1997 a 1999 abrem-se novas frentes de escavação em área. Detecta-se que o sítio possui uma arquitectura complexa constituída por um recinto rodeado, a sul e a oeste, por um talude (Fig. 1). Também são descobertas pequenas estruturas pétreas no interior das quais surgem deposições preservadas. Um exemplo notório destas deposições revela-se num contexto com ossos humanos, associados a diversos tipos de materiais (Jorge, S. O., 1998, 1999; Jorge, S. O. et al., 1998/99) (Fig. 2). As novas descobertas ajudam a consolidar o paradigma enunciado em 1994: Castelo Velho seria um lugar multifuncional com funções sociais congregadoras. Um lugar que surgiria dominante face aos rios tributários do Douro, Vale da Vila e Côa, numa cenografia natural imponente. Um lugar, que, pela sua escala, teria ajudado a construir, no passado, território.

Apesar da abertura de novas áreas de escavação, o sistema de registo, em campo, remete para a perduração do velho paradigma estratigráfico.

Em 2000 o Estado português, através do IPPAR, resgata o sítio, que fica afecto àquela entidade. Nesse mesmo ano,

o IPPAR solicita a um de nós (S. O. Jorge) que conceba um projecto de estudo e valorização do sítio, com vista à sua apresentação pública<sup>1</sup>.

Durante os anos de 2001 a 2003, e já no interior do projecto de musealização do sítio, iniciam-se escavações em área, em grande escala, com meios humanos e técnicos nunca antes conseguidos. Durante esse período, num sítio similar, próximo de Castelo Velho, em Castanheiro do Vento (Jorge, V. O. et al., 2002), em processo de escavação desde 1998, trabalhou uma equipa de acordo com o novo paradigma interpretativo. Castanheiro do Vento funcionou, durante esses últimos três anos de acção de campo, como o único espaço de diálogo com Castelo Velho: graças às sinergias desenvolvidas entre as equipas das duas estações arqueológicas foi possível construir uma metodologia de campo comum e formular uma plataforma de diálogo que muito ajudou à estabilização duma interpretação global da estação.

Poderá perguntar-se se a nova escala de intervenção de campo, entre 2001 e 2003, terá servido para confirmar o paradigma esboçado em 1994. Tal questão prende-se, inevitavelmente, com a natureza da relação entre a prática de campo e a interpretação global dum sítio arqueológico.

Num texto datado de 2002 (Jorge, S. O., 2002), na sequência de três meses intensivos de escavação em Castelo Velho, em que se tentou delimitar a extensão do topo do monumento, era possível já obter uma planta praticamente definitiva do mesmo (Fig. 3).

Nesse texto enfatiza-se dois tipos de abordagens: – o sítio encontra-se em *conexão visual* com outros lugares existentes em vários planos de horizonte. O plano de horizonte mais próximo, virado a leste, revela o Monte de S. Gabriel (Fig. 4). Castelo Velho possui um ângulo de visão de 180° para leste/sudeste e, aparentemente, *o que se vê* do topo do sítio para leste (em último plano, a Meseta), *e o que não se vê, mas imagina*, é determinante para a localização do mesmo e para a sua função social, enquanto centro congregador duma população ainda segmentária e politicamente pouco hierarquizada; – os *contextos* detectados no monumento (dentro e fora do recinto) apontam para a existência duma *arena* que atraiu, do 3.º ao 2.º milénio, populações que atravessaram condicionadamente este lugar especial: observamos *passagens* no recinto superior que, consoante os cenários, foram abertas ou fechadas (Fig. 5); verificamos *deposições*, como a dos ossos humanos, a das sementes (Fig. 6) ou a dos “pesos de tear”, entre muitas outras, que cristalizam acções intencionais de ordenar materialidades. O monumento de Castelo Velho é um espaço performativo.

<sup>1</sup> Por detrás desta decisão encontra-se o então Presidente do IPPAR, Dr. Luis Calado, a quem agradecemos o empenhamento pessoal que colocou na aprovação deste projecto.

Por outro lado, no texto de 2002 denuncia-se a falsa (e perversa) dicotomia entre “doméstico” e “ritual”. Considera-se que são conceitos que impedem pensar-se uma outra forma de passado, onde o grau de codificação e de ritualização impregnava a vida toda. Assim, em 2002, inicia-se uma *outra ruptura*, esta talvez mais incómoda do que a de 1994, na medida em que afecta todos os instrumentos conceptuais da arqueologia pré-histórica corrente: *uma ruptura com a adesão acrítica a termos como “povoado”, “enterramento”, “domesticidade”, “ritualização”, “quotidiano”, etc.*

Apesar desta nova ruptura ao nível da interpretação de ampla escala, o paradigma estratigráfico tradicional permanece em campo, mesmo que contestado pela coordenadora científica do projecto (S. O. Jorge).

Entretanto, um novo conjunto de teses de mestrado, concebidas entre finais da década de 90 e inícios de 2000 (Gomes, S. R., 2003; Oliveira, M. L. C., 2003; Baptista, L., 2003), na FLUP, e orientadas por um de nós (S. O. Jorge), é apresentado em 2003. Estas teses, visando também a análise de materiais, orientam-se, no entanto, para a detecção de *contextos* e para o questionamento do seu *uso*.

Alguns textos de síntese, publicados em 2003 (Jorge, S. O., 2003a, b) rejeitam uma narrativa sequencial estrita de Castelo Velho. De facto, ao longo de quinze anos, tentara-se sempre um faseamento com base no paradigma estratigráfico. Em 2003 abandona-se esse faseamento e assume-se a existência de apenas *três grandes momentos* de “domesticação” do morro (Quadro I): – um primeiro momento, antes da construção do monumento que, de momento, é-nos praticamente desconhecido e que poderia eventualmente datar da primeira metade do 3.º milénio; – um segundo momento, dos inícios do 3.º milénio à segunda metade do 2.º milénio, em que o monumento (completo a partir da segunda metade do 3.º milénio) é construído e vivido; – um terceiro momento, por volta de 1300/1200 B. C., em que se processa o fechamento do lugar, enquanto monumento.

Em 2003 assume-se que não podemos aceder a contemporaneidades socialmente usáveis, por forma a construir narrativas de nível médio. Pode-se falar de vidas do sítio, de momentos, de espaços, de deposições, de condenações, em suma, de *transformações*. Podemos tão só, abrir “janelas” sobre algumas acções vividas em Castelo Velho.

As materialidades, nomeadamente as “deposições”, surgem-nos destituídas de sentidos unívocos. A sua ambiguidade funcional remete-nos para uma problemática central em Pré-história: o contínuo *deslize de sentido* dos contextos que construímos.

O que se procura, a partir de 2003, tomando como pretexto o sítio de Castelo Velho, é reflectir sobre a construção social do espaço: ou seja, procura-se uma *teoria da acção no espaço* ou um espaço permanentemente reconfigurado pela acção. Nesta perspectiva, perguntar sobre o significa-

do social das inter-visibilidades no passado do 3.º/2.º milénio só tem sentido como instrumento de tornar mais imaginativo – e por isso mesmo mais criativo – a própria interpretação. A simulação dum *recinto fechado* em Castelo Velho, delimitado por paredes de 3/4 metros, no interior do qual se erguem pequenas estruturas também definidas por paredes de argila e coberturas de colmo (Fig. 7) não é apenas, nem sobretudo, um exercício lúdico vocacionado para o entretenimento do turista. A simulação (Velho, G., 2003) é um poderoso instrumento de procura, que serve para nos fazer descartar inverosímeis e explorar hipóteses plausíveis.

Castelo Velho só agora começou a ser construído, passados quinze anos de gestação.

Porto Setembro 2004 / Porto Janeiro 2005

## BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, L.  
2003. *A cerâmica do interior do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a interpretação de contextos de uso*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- BOTELHO, I. T.  
1996. *Dos cacos e dos vasos. O “Castelo Velho” de Freixo de Numão, na chameira do III.º-II.º milénio a. C. Contributo para o estudo da cerâmica pré-histórica de Castelo Velho*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- BURGESS, C. et al. (Eds.)  
1998. *Enclosures and Defences in the Neolithic of Western Europe*. Oxford, B.A.R. International Series, 403 (i).
- CRUZ, M. D. G.  
1993. *Significado social da cerâmica doméstica. Fundamentos para uma classificação tipológica da cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão)*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- DARVILL, T. & THOMAS, J. (Ed.)  
2001. *Neolithic Enclosures in Atlantic Northwest Europe*. Oxford, Oxbow Books.
- GOMES, S. R.  
2003. *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.º N.º de Foz Côa). Exercícios de interpretação do registo arqueológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- INGOLD, T.  
2000. *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. London, Routledge.
- JORGE, S. O.  
1993. O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal. *1.º Congr. Arq. Peninsular*, T. A. E., vol. XXXIII, fasc. 1/2: 179-216.  
1994. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados, trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, Portugal. *Revista da Faculdade de Letras*, 2.ª série, vol. XI: 447-546.

1998. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. *Estudos Pré-Históricos*, vol. VI: 279-293.
1999. Castelo Velho de Freixo de Numão Geschichte der Interpretationsversuche. *Madri der Mitteilungen*, vol. 40: 80-96.
2002. Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico de Norte de Portugal. *Património. Estudos*, n.º 3: 145-164.
- 2003a. Pensar o espaço da Pré-História Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica. In S. O. Jorge (coord.), *Recintos Murados da Pré-História Recente*, pp. 13-50. Porto/Coimbra, DCTP (FLUP) /CEAUCP (FCT).
- 2003b. Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão. In V. O. Jorge (coord.), *Arquitectando Espaços: da Natureza à Metapolis*, pp. 63-83. Porto/Coimbra, DCTP (FLUP) /CEAUCP (FCT).
- No prelo a). Da cenografia pré-histórica à cenografia patrimonial: o caso de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia e História*.
- No prelo b). *O passado é redondo. Dialogando com o sentido dos primeiros recintos monumentais*. Porto, Ed. Afrontamento.
- JORGE, S. O. & RUBINOS, A.  
2002. Absolute chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (Northern Portugal): data and problems. *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 4: 83-105.
- JORGE, S. O. et al.  
1998/99. Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.ª N.ª de Foz Côa). *Portugalia*, Nova Série, vol. XIX-XX: 29-70.
- JORGE, V. O. et al.  
2002. Castanheiro do Vento and the significance of monumental Cooper and Bronze Age sites in the northern Portugal. In C. Scarre (ed.), *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*, pp. 36-50. Londres, Routledge.
- MURALHA, J.  
1996. *Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- OLIVEIRA, M. L. C.  
2003. *Primeiras intervenções arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (V.ª N.ª de Foz Côa)*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- PEREIRA, L.  
1999. *As cerâmicas "Cogeces" de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- SILVA, C. M. C.  
1996. *O povoado pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro do povoamento da 2.ª metade do III.º milénio / 1.ª metade do II.º milénio a. C. no concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- THOMAS, J.  
2004. *Archaeology and Modernity*. London, Routledge.
- VARELA, J. M.  
2000. *As Cerâmicas do Bronze Inicial e Médio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Tradição e inovação na transição do III.º para o II.º milénio a. C.* Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP (policopiada).
- VELHO, G.  
2003. (Re)construindo Castelo Velho: práticas digitais para uma realidade virtual. In S. O. Jorge (coord.), *Recintos Murados da Pré-História Recente*, pp. 51-66. Porto/Coimbra, DCTP (FLUP) /CEAUCP (FCT).
- WHITTLE, A.  
1996. *Europe in the Neolithic. The Creation of New Worlds*. Cambridge, Cambridge Univ. Press.

QUADRO I

1993	Paradigma Estratigráfico	1.ª fase de ocupação c.4 (3.000 cal B.C.) Pré-recinto	2.ª fase de ocupação c.3 (2.900-2.200 cal B.C.) Recinto + murete circundante		3.ª fase de ocupação c.3 (2.200-1.700 cal B.C.) Recinto + murete e abandono	
1994		1.ª fase de ocupação (3.000 cal B.C.) Pré-recinto	2.ª fase de ocupação (2a) I (2.900-2.500 cal B.C.) Recinto + murete circundante	2.ª fase de ocupação (2b) II (2.500-2.200 cal B.C.) Recinto + murete circundante	3.ª fase de ocupação (3) III (2.200-1.700 cal B.C.) Recinto + murete circundante e abandono	
1998		1.ª fase (3.000 cal B.C.) Pré-recinto	2.ª fase (2.900-2.200 cal B.C.) Recinto + rampa/plataforma		3.ª fase (2.200-1.300 cal B.C.) Recinto + rampa/plataforma e abandono	
2002		1.ª fase (3.000-2.900 cal B.C.) Pré-recinto	2.ª fase (2.900-1.900/1.800 cal B.C.) Edifício completo	3.ª fase (1.900/1.800-1.300 cal B.C.) Edifício completo	4.ª fase (1.300/1.200 cal B.C.) Fechamento/condenação	
2003	Paradigma Espacial	1.º momento (1.ª metade do 3.º milénio cal. B.C.) (?) Pré-recinto	2.º momento A (2.900-2.500 cal B.C.)  Recinto Superior	2.º momento B (2.500/2.300 – 1.900/1.800 cal B.C.) Edifício completo	2.º momento C (1.800-1.300 cal B.C.)  O mesmo edifício com algumas alterações não estruturais	3.º momento (1.300/1.200 cal. B.C.)  Condenação do edifício no topo do morro
		Pré-monumento	Monumento			Fechamento



FIGURA 1. Vista aérea do recinto de Castelo Velho, rodeado a sul e a oeste por um talude (após escavações de 2001) (foto de V. O. Jorge).

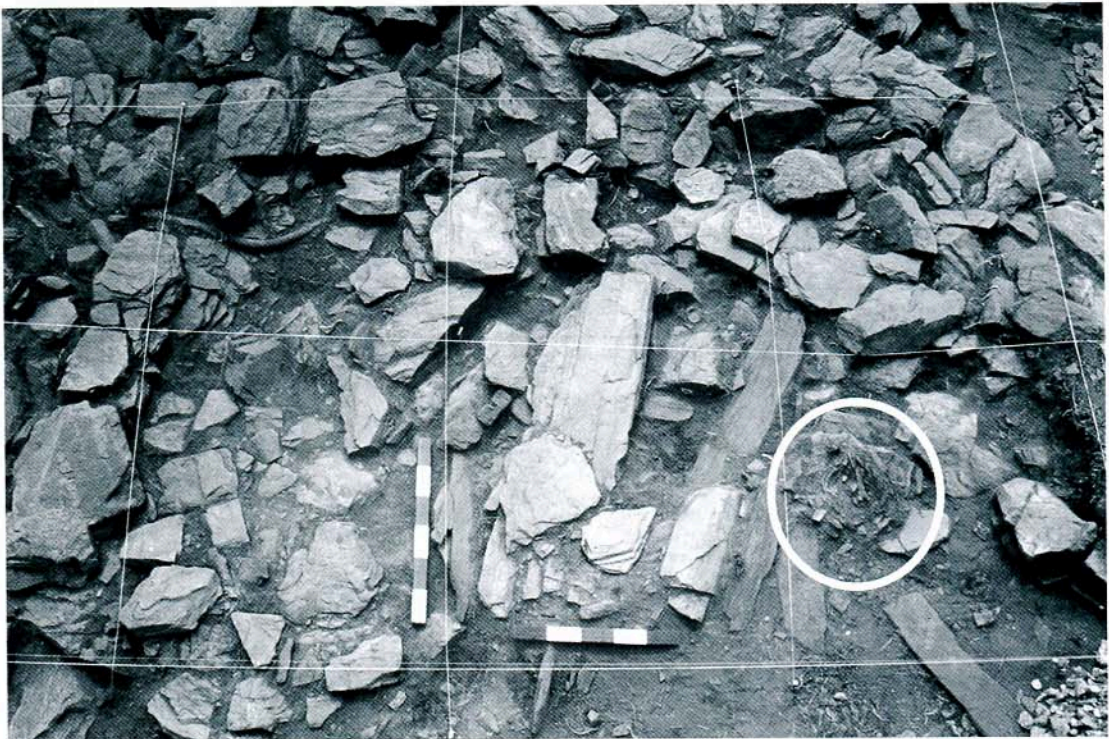


FIGURA 2. Vista geral de estrutura contendo ossos humanos (círculo) durante uma fase de deposição ritual (escavações de 1997) (foto de V. O. Jorge).

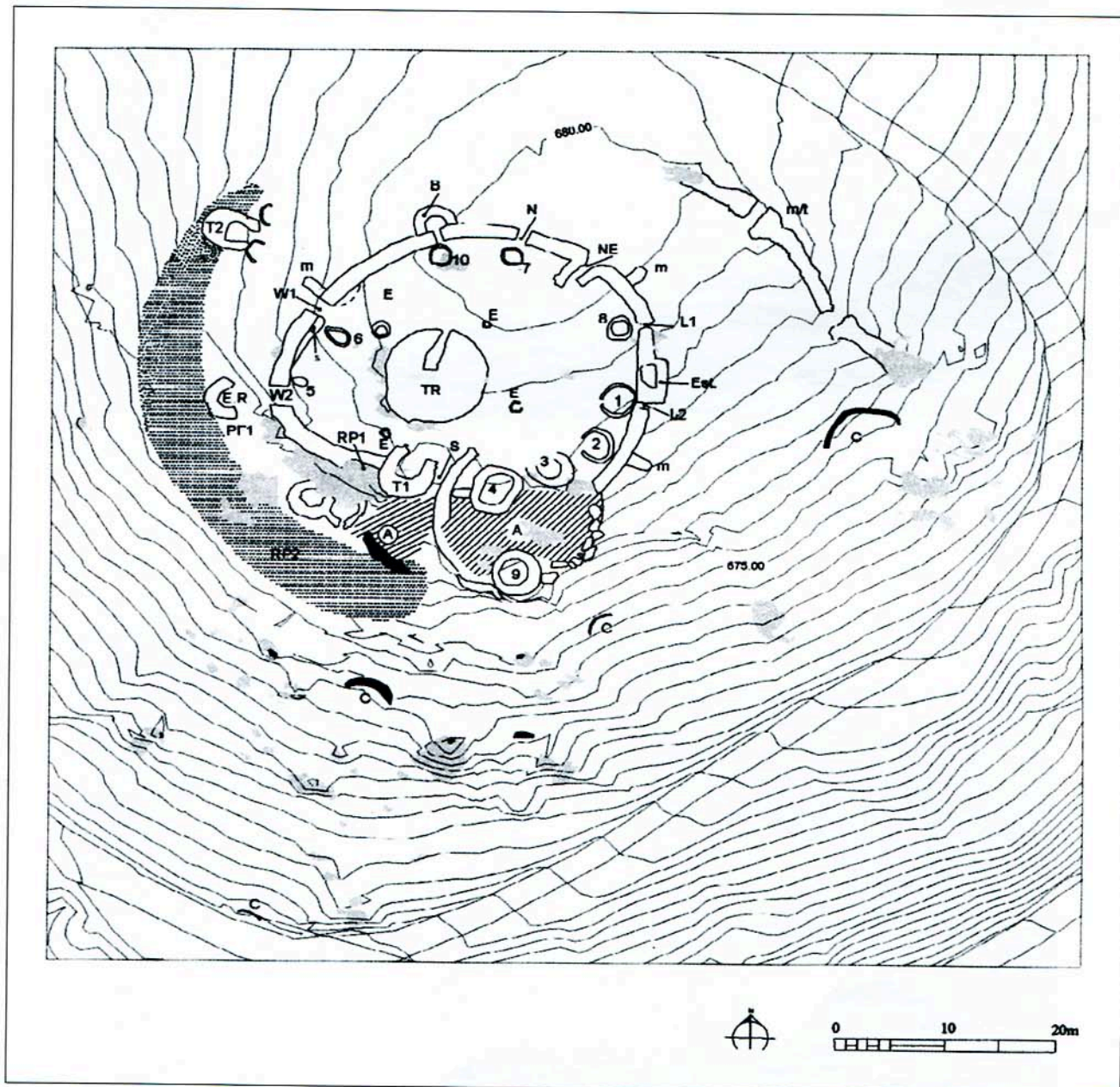


FIGURA 3. Planta esquemática do monumento de Castelo Velho: fase 2B (Jorge, S. O., 2003a).



FIGURA 4. Vista geral do recinto de Castelo Velho, vendo-se, para leste, em segundo plano, o monte de S. Gabriel (foto de D. Pavone).



FIGURA 5. Vista aérea do monumento de Castelo Velho estando representadas (com círculos) oito passagens no recinto superior (escavações de 2002) (foto de V. O. Jorge).



FIGURA 6. Estrutura contendo uma deposição ritual com sementes (círculo) adossada ao muro que delimita o recinto superior de Castelo Velho (escavações de 2001) (foto de V. O. Jorge).

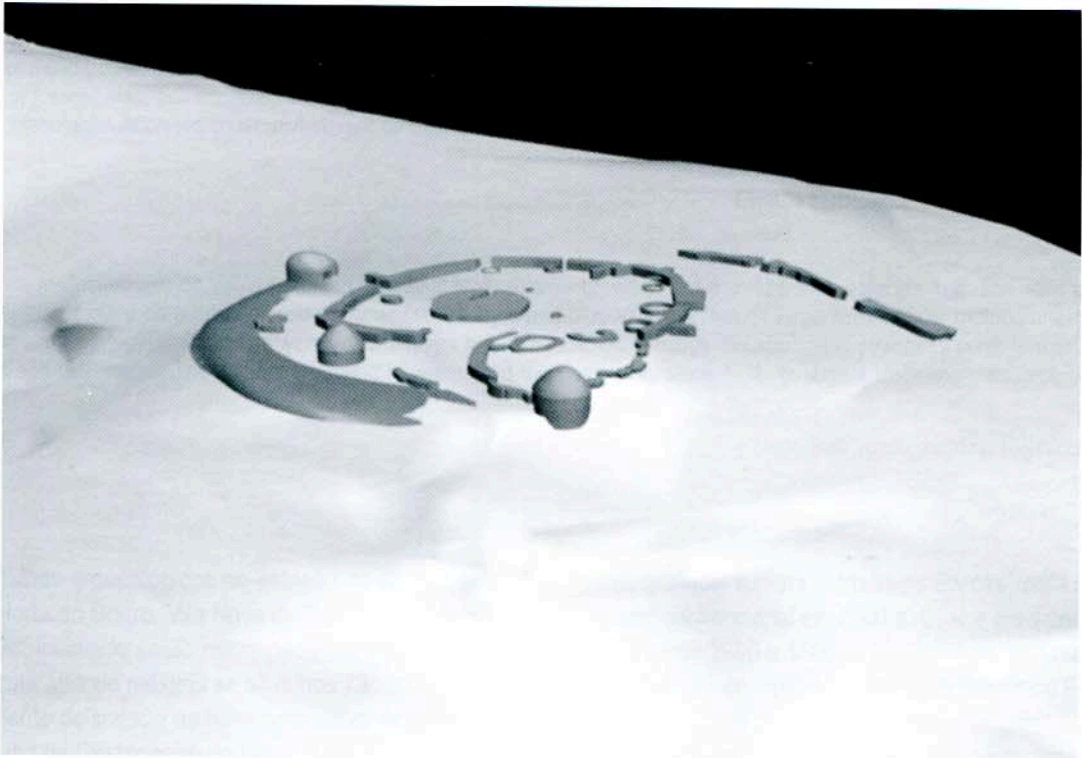


FIGURA 7. Ensaio de reconstituição do recinto e várias estruturas de Castelo Velho (segundo G. Velho).